

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

USO DE TERMOS CONCRETOS E DE TERMOS ABSTRATOS EM *A CIDADE DE DEUS* DE SANTO AGOSTINHO

Camillo Ferronato*

Introdução

Dentro dos estudos lingüísticos, há uma corrente de estudiosos para quem as línguas simplesmente evoluem no decorrer do tempo, transformam-se de acordo com fenômenos naturais ou segundo o progresso das ciências e mutações no modo de pensar do homem. Outra corrente há, contudo, que considera que as línguas vão perdendo sua plasticidade, sua força primitiva de exprimir as intuições, as sensações, vão perdendo sua seiva original de exprimir a vida, para transformar-se em algo mais seco, mais intelectual.

A abstração é parte inerente desse inevitável processo. Dele as línguas não conseguem ficar isentas, nem mesmo a criada pelos rústicos fundadores do Lácio. Por ele passou a língua latina ininterruptamente, progressivamente, até o fim da latinidade, a começar pelo maior representante dela: Marco Túlio Cícero.

Como explicar tal mudança? ... Faria ela parte de uma evolução natural?

Santo Tomás de Aquino, acompanhando a concepção aristotélica, diz que todo conhecimento começa com a experiência sensível, sobre a qual podem ser desdobrados vários graus de abstração.

Sabemos que cabe à imaginação a tarefa de selecionar o vocabulário, que expressa ora um conteúdo concreto, ora um conteúdo metafórico da mensagem.

* Universidade Federal do Paraná.

A relação termos concretos x termos abstratos na obra de um autor depende essencialmente do assunto que é abordado. Esse assunto mexe no mecanismo do pensamento, de tal modo que ele influi mais que a técnica do estilo.

As obras filosóficas exigem, naturalmente, muito mais idéias abstratas do que as obras do dia-a-dia, as que abordam questões bélicas, orientações de como lidar com o campo, com o cultivo das abelhas, com a construção de casas e pontes etc. Foi por isso que Cícero não só empregou mais termos abstratos que outros autores latinos, mas até os criou, dada a necessidade que se originou da temática filosófica de algumas de suas obras.

A esse respeito, Berger (1942, p. 219-20) esclarece: “É sobretudo nas suas obras filosóficas que Cícero empregou, e muitas vezes criou, numerosos termos abstratos; não se deve fazer uso deles senão quando se está tratando igualmente de assuntos de filosofia”.¹

Sabe-se, por outro lado, que é ilimitada a possibilidade de situações em que a natureza das coisas faculta representar os conceitos livremente, quer de maneira concreta, quer de forma abstrata. Essa variação de representação, em que ora predomina uma forma, ora outra, é que dá um colorido especial ao enunciado, permitindo uma apreciação do estilo do autor.

Abstração na língua latina

No caso específico da língua latina, é bem palpável a constatação de ela valer-se mais da representação concreta, máxime se tomarmos em conta as manifestações do período antigo.

O mesmo Berger (1942, p. 201) aborda a questão, dizendo o seguinte: “Entre as expressões concretas e as abstratas, os latinos, com seu espírito naturalmente voltado para a prática, preferem geralmente as primeiras”.²

Essa mesma idéia é retomada e reforçada por Nunn (1952, p. 2), quando diz:

O gênio da língua do latim antigo, igual àquele do antigo povo de Roma, expressava-se pela ação e era rico somente em verbos e em termos concretos. Idéias abstratas eram bastante estranhas

¹ “C’est surtout dans ses oeuvres philosophiques que Cicéron a employé, et souvent créé, de nombreux termes abstraits; on ne devra les lui emprunter qu’en traitant pareillement des sujets de philosophie.”

² “Entre les expressions concrètes et abstraits, les Latins, ayant l’esprit naturellement tourné vers la pratique, préfèrent généralement les premières.”

ao pensamento latino nativo, e, quando a introdução da filosofia grega tornou isso necessário para expressar tais idéias no discurso, apelou-se tanto para a perífrase quanto para palavras recém-cunhadas ou adaptadas.

Substantivos terminados em *io*, *ia* e *tas* começaram a aumentar em número, e também adjetivos em *is*; mas os autores clássicos evitavam esses novos métodos de expressão quanto possível, ou então os introduziam com uma desculpa. Isso se deu depois que as antigas famílias latinas foram assassinadas nas guerras civis, e o grego se tornou a língua de todos os homens educados em Roma, e os mais célebres autores latinos começaram a se destacar, não na Itália, mas na Espanha e na África. Os limites da antiga língua latina foram sendo gradualmente quebrados e um fluxo de novas palavras e construções, principalmente emprestadas do grego, ou sugeridas por ele, misturaram-se com as estabelecidas correntemente pelo estilo antigo. Tais palavras, como *essentia*, *substantia*, *personalis*, *possibilis*, então passaram a ser usadas e acabaram se incorporando todas ao léxico da língua inglesa [mas poderíamos simplesmente ler *língua portuguesa*]. O latim deixou de ser a língua de uma nação e tornou-se a língua de um império.³

Tal evidência se deve, sem dúvida, ao fato de a língua latina ter servido, por muito tempo, a uma população de índole rural, limitada a uma formação material e rudimentar, desprovida da cultura da vida na cidade, e mesmo das oportunidades criadas por uma literatura. Desse estádio até a abstração, houve um caminho longo e demorado; foi quando começaram a surgir as manifestações literárias, e os romanos se deram conta de que estavam realmente muito pobres em sua língua, necessitando da criação de termos abstratos para poder dar colorido e variação à sua literatura. O papel dos escritores teve essa responsabili-

³ "The genius of the old Latin language, like that of the old Roman people, expressed itself in action and was rich only in verbs and in concrete terms. Abstract ideas were quite foreign to native Latin thought, and, when the introduction of Greek philosophy rendered it necessary to express such ideas in speech, recourse was had either to a periphrasis or to new-coined or adopted words.

Substantives ending in *io*, *ia* and *tas* began to increase in number and also adjectives in *is*; but the Classical writers avoided these new methods of expression as far as possible, or introduced them with an apology. It was not until the old Latin families had been killed off in the civil wars, until Greek became the language of all educated men in Rome and the most celebrated Latin authors began to arise, not in Italy, but in Spain and Africa, that the boundaries of the old Latin speech were gradually broken down, and a flood of new words and constructions, mostly borrowed from Greek, or suggested by it, mingled with the stately current of the ancient diction. Such words as *essentia*, *substantia*, *personalis*, *possibilis* then came into use, all, be it noted, words, that have passed into English. The Latin language ceased to be the language of a nation and became the language of an empire."

dade criadora inicial, o que significava um esforço redobrado para sua imaginação.

Por outro lado, é notória a aversão que o latim sentia pelo uso de nome abstrato como sujeito de um verbo pessoal. A propósito, Cícero diz: *argumentatio sumit quae uult* (*Oratoriae Partitiones* 13, 46), isto é, “o raciocínio escolhe as coisas que quer”.

Nesse assunto, chamam-nos a atenção certas expressões latinas, como: para significar “revolução”, *res nouae*; para “felicidade”, *res secundae*; para “virtude”, *bonae artes*; para “dívida”, *aes alienum*. Para expressar a idéia de “tomada da cidade”, Tito Lívio (XXIII, 1, 10) usa *urbs capta*.

No estudo das categorias gramaticais, detectamos a tendência de muitos substantivos abstratos em se deslocar para a categoria dos substantivos concretos. Assim: *exercitus*, de “exercício” (portanto, abstrato, encontrado em Plauto: “Rudens”, 293), passou a significar “tropa que se exercita, exército, infantaria”; *factio*, de “ação de conspirar”, passou a significar “facção, partido”; das três palavras criadas para indicar qualidade de nascimento, *natus* só subsiste em palavras compostas, como *minor natu*, e *natio* e *natura* assumiram conceitos concretos, forçando o surgimento posterior de *nascentia* e *natiuitas*.

Dissemos, acima, que a criação de termos abstratos exigiu, da parte dos escritores, um esforço excepcional. Acrescente-se que, para nascer, uma palavra necessita de condições especiais; nem é sem dificuldade que ela se conserva como abstrata. Sua difusão, lenta e tardia, marcou o progresso da língua discursiva, principalmente no campo da especulação filosófica. Podemos, então, imaginar a seara propícia encontrada por Santo Agostinho para introduzir, no meio literário, suas idéias e teorias as mais abstratas. Pois, se a introdução das idéias filosóficas gregas, a princípio, iniciou o processo de transformação da língua latina, o advento do cristianismo, cheio de idéias filosóficas abstratas, invadiu o mundo romano com uma literatura cristã rica. Em conseqüência disso, o latim tornou-se, por excelência, uma língua de comunicação tanto dentro do mundo eclesiástico — até praticamente o Concílio Vaticano II — quanto mesmo fora dele, tendo servido de veículo de publicação de obras universalmente conhecidas.

Pois bem, tentando responder à pergunta lançada acima, evocamos A. Meillet (1981, p. 214): segundo ele, a adaptação do grego foi fator preponderante para a criação de abstratos. Assim, as palavras latinas *ratio* e *qualitas* conheceram um sucesso enorme em função de sua relação com os modelos gregos $\lambda\omicron\gamma\omicron\zeta$ e $\pi\omicron\iota\omicron\tau\eta\zeta$, respectivamente.

Na época clássica, a manipulação de abstratos é fator de cultura, chegando aos laivos da afetação, como podemos deprender destas passagens de Cícero:

— *Exardescit benevolentiae magnitudo*.⁴

Inflama-se a grandeza da benevolência.

— *Diei breuitas conuiuiis noctis longitudo stupris et flagitiis continebatur* (Verr. II, 5, 10).

A brevidade do dia consistia em banquetes; a longa duração da noite, em estupro e infâmias.

Marouzeau (1946, p. 145) afirma que a prática de termos abstratos “dá lugar a criações lexicográficas que fazem parte do domínio da brincadeira, como no caso de *appietas* e *lentulitas* de Cícero”.⁵ (*Familiares*, III, 7, 5.)

E. Berger⁶ assevera que a expressão *compta gemmarum pretiositatibus* — “burilada com preciosidades das jóias” —, de Gregório de Tours, lembra perfeitamente a de Cícero: *Fontium gelidae perennitates*⁷ — “perenidades gélidas das fontes”.

Já falamos da característica da alma latina, segundo a qual as coisas são vistas instintivamente sob um ótica concreta, enquanto a sensibilidade reage diretamente, sem o recurso para o artifício. Os clássicos, contudo, saíram desses parâmetros, o que, de alguma forma, identifica um desvio dessa mentalidade, uma busca do artifício. Seus traços são encontrados principalmente entre os poetas.

Assim, para expressar que o frugal pode ser comparado com o insensato, Horácio imagina as duas realidades “sentadas” uma ao lado da outra:

Parcus [...] adsidet insano.⁸

O parco [...] assenta-se ao lado do insano.

Evidentemente, estamos no nível da metáfora, que, conforme Cícero, deve ser usada moderadamente no gênero literário da retórica, ao qual chama de *tenuis*, “suave”:

[...] sit in transferendis (uerbis) uerecundus [...]; nihil horum parum audacter.⁹

⁴ *De amicitia*, 9, 29.

⁵ “Il donne lieu à des créations lexicographiques qui sont du domaine du jeu, comme les *appietas* e *lentulitas* de Cícéron”.

Vale mencionar que o termo “*appietas*” foi forjado por Cícero para se referir ironicamente à descendência de Ápio; idem com relação a “*lentulitas*”, querendo alfinetar a nobreza de um Léntulo.

⁶ *Stylistique latine*, 3^e éd., p. 79. In: MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. 2^e éd. Paris: Les Belles Lettres, 1946, p. 145.

⁷ *De natura deorum*, II, 39, 98.

⁸ *Epistolae*, I, 5, 14.

⁹ *Orator*, 24.

[...] seja reservado no emprego metafórico (das palavras) [...]; nada dessas coisas é dito pouco audaciosamente.

Chama-nos a atenção uma asserção do mesmo Cícero, dizendo que “toda língua serve-se, com muita freqüência, de metáforas, não somente a dos habitantes da cidade, mas também a dos habitantes do campo”.¹⁰

É no mínimo muito curiosa essa dupla face da metáfora. No entanto, necessário se faz levar em consideração que tanto a língua popular quanto a erudita procuram sempre pôr algo em evidência, buscando a surpresa, o inesperado no enunciado. É a metáfora um caminho fácil para alcançar tal objetivo. Ela faz parte do jogo, da adivinhação. Faz parte igualmente da mentalidade do vulgo e da das mentes cultas. Ela faz convergirem para o mesmo ponto, a fim de alcançarem maior expressividade, a língua viva do povo e a língua literária mais rebuscada.

No século I de nossa era, encontramos Estácio abusando do recurso metafórico, ao dizer que o papagaio de Atédio Mélior era uma volúpia eloqüente de seu dono:

*Psittace, dux uolucrum, domini facunda uoluptas.*¹¹

Ó papagaio, príncipe das aves, volúpia facunda de teu dono.

A mesma temática é retomada, entre nós, pelo simbolista Cruz e Sousa, quando compara as formas arredondadas do violão às da sensualidade feminina: “Vozes veladas, veludosas vozes, volúpias dos violões, vozes veladas.”¹²

Além do que já apresentamos a respeito do uso de abstratos no lugar de concretos, consideramos relevante realçar que os autores clássicos latinos costumavam também criar substantivos abstratos derivados de adjetivos para realçar qualidades. Contudo, trata-se de uso bastante raro entre esses escritores; já os escritores dos séculos que se lhe seguiram fizeram dele quase uma bandeira, tornando-se, então, um verdadeiro procedimento de estilo. Esses substantivos eram seguidos de outro substantivo no caso genitivo, como complemento nominal. Tratava-se de um recurso intencional, de um verdadeiro artifício de real valor artístico, que emprestava mais cor e visão ao texto. A esse respeito, Naegelsbach (1905, p. 503), profundo conhecedor da estilística latina, afirma que a língua adquire mais força dessa forma: “Essa maneira empresta, por isso,

¹⁰ “tralatione frequentissime [...] sermo omnis utitur non modo urbanorum, sed etiam rusticorum” (*Orator*, 24).

¹¹ *Siluae*, II, 4.

¹² “Violões que choram”. In: MURICY, Andrade. *Para conhecer melhor Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973, p. 77.

tanta força e peso à expressão latina; o significado do adjetivo mantido mais latente no alemão alcança completa clarividência no substantivo latino”.¹³

Tal praxe difundiu-se máxime a partir dos escritores do Baixo Império¹⁴ e acabou virando prática comum na literatura universal.

No bojo deste estudo procuramos, sempre que possível, mostrar não uma seqüência sem vida, mas a apreciação do valor estilístico de um procedimento literário constante entre os autores do fim da latinidade. Já dissemos acima qual o valor estilístico embutido no emprego de substantivos abstratos acompanhados de substantivos no genitivo. Relacionamos, a seguir, exemplos para ilustrar a parte conceptual. Preferimos apresentar esses exemplos em contexto, para que o valor da palavra não se perca. Por isso, as citações englobam blocos às vezes grandes.

Detectamos em Cícero duas amostras dessa prática:

1) *si deprauatio consuetudinum, si opinionum uanitas non imbecillitatem animorum torqueret et flecteret...*¹⁵

se a depravação dos costumes, se a vaidade das opiniões não experimentasse e dobrasse a imbecilidade dos ânimos...

Obs.: Caso não usasse os substantivos abstratos *deprauatio*, *uanitas* e *imbecillitatem*, certamente Cícero teria dito: *consuetudines deprauatae, opiniones uanae, animos imbecilles...*

2) *tristitiam illorum temporum non subissem.*¹⁶

não teria suportado a tristeza daqueles tempos.

Obs.: Se, no lugar do substantivo abstrato *tristitiam*, tivesse usado o adjetivo “tristis”, o texto poderia ficar assim redigido: *illa tempora tristia non subissem.*

A leitura de *A cidade de Deus* de Santo Agostinho nos conduz a uma certeza quanto ao emprego do substantivo abstrato regendo outro substantivo no genitivo: ele apela para esse recurso estilístico com muita freqüência, com um valor realmente artístico, seguindo tendência de época, como se pode notar igualmente pela leitura das obras de Apuleio, seu conterrâneo. Trata-se, de fato, de um apelo à arte literária, com a finalidade de produzir mais cor e visão, que é, aliás, um dos recursos a que muito se apela nas manifestações literárias através dos séculos. Colhemos, em nossa língua, um exemplo em Fidelino de

¹³ “Diese Redeweise gibt dem lateinischen Ausdruck deswegen so viel Kraft und Gewicht, weil die im Deutschem mehr latent gehaltene Bedeutsamkeit des Adjektivs im lateinischem Substantiv zur vollen Anschaulichkeit kommt”.

¹⁴ Império Romano, desde a morte de Severo Alexandre (235) até o fim do Império do Ocidente (476).

¹⁵ *De legibus* I, 10, 29.

¹⁶ *Ad articum* 8, 12, 5.

Figueiredo: “Assim luta o náufrago com as vagas, por entre parcéis, sem farol, apenas conduzido pela *negaça* de uma vaga *aurora* distante e inacessível”.¹⁷

Entendemos que o complemento nominal de “negaça”, ou seja, “uma vaga aurora distante e inacessível”, preenche a mesma função do genitivo latino (adjunto adnominal restritivo). Conquanto a palavra “aurora” esteja cercada de três adjuntos, poderíamos imaginar-lhe um quarto: “negaceador”. O segmento ficaria assim constituído: “apenas conduzido pela negaceadora e vaga aurora distante e inacessível”.

No *De ciuitate Dei*, exemplos com substantivos abstratos regendo outros substantivos no genitivo são muito recorrentes, conforme os exemplos que seguem:¹⁸

I, 3, 68: *nunc quod institueram de ingratis hominibus dicere, parumper explicem, ut possum: qui ea mala, quae pro suorum morum peruersitate merito patiuntur, blasphemantes Christo imputant.*

agora explicarei um pouco, conforme puder, o que decidira dizer a respeito dos homens ingratos, que imputam a Cristo, blasfemando, os males que sofrem merecidamente por causa da perversidade de seus costumes.

Obs.: Santo Agostinho poderia ter escrito *pro suis moribus peruersis*, onde *peruersis* funcionaria como adjunto adnominal de *moribus*.

I, 9, 76: *Quid igitur in illa rerum uastitate Christiani passi sunt...?*

O que, portanto, os cristãos sofreram com aquela devastação de bens...?

Obs.: O autor poderia ter escrito: *in illis rebus uastatis*, em que *uastatis* exerceria o papel de adjunto adnominal de *rebus*.

VII, 4, 455: *Sed isti in cultu deorum omnis dedecoris appetitores, cuius uitam minus turpem inuenerunt, cum simulacri monstrosa deformitate turparunt.*

Mas estes, empenhados em usar de toda vergonha no culto dos deuses, a este, cuja vida acharam menos torpe, forjaram com a deformidade monstruosa de uma imagem.

¹⁷ “Um Colecionador de Angústias”, p. 254. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p. 967.

¹⁸ Como texto-fonte para estudo do original latino, servimo-nos do editado pela *Biblioteca de Autores Cristãos*, preparado por Fr. Jose Moran, O.S.A., dentro da coletânea *Obras de San Agustín*, edição bilingüe, tomos XVI-XVII, intitulado *La ciudad de Dios* e editado em Madrid no ano de 1958.

Notas: 1. As citações referentes aos 22 livros da obra em apreço são feitas da seguinte forma: o algarismo romano indica o livro, o primeiro algarismo arábico indica o capítulo, e o segundo indica a página.

2. Preferimos fazer a tradução de cada citação latina logo na seqüência, para facilitar o cotejo com o original latino e por uma questão de praticidade.

Obs.: No lugar de *cum simulacri monstrosa deformitate*, o autor poderia também ter escrito: *cum simulacro monstrose deformi*.

No exemplo em questão, o autor apelou para um substantivo abstrato — *immanitas* — seguido de palavra no genitivo, o que poderia também ser montado da seguinte forma: *tempestas immanis*.

XII, 24, 841: *Qua enim ui diuina, et, ut ita dicam, effectiua, quae fieri nescit, sed facere, accepit speciem, cum mundus fieret, rotunditas caeli et rotunditas solis; eadem ui diuina et effectiua, quae fieri nescit, sed facere, accepit speciem rotunditas oculi et rotunditas pomi.*

Com esta força divina, pois, e, por assim dizer, efetiva, que não sabe ser feita mas fazer, recebeu a espécie, quando o mundo foi feito, a rotundidade do sol; com a mesma força divina e efetiva, que não sabe ser feita, mas fazer, recebeu a espécie a rotundidade do olho e a rotundidade da maçã.

Obs.: Certamente o texto perderia um pouco do brilho literário se estivesse montado no adjetivo *rotundus*: *rotundum caelum, rotundus sol, rotundus oculus, rotundum pomum*.

XV, 20, 1048: *In cilicio quippe recordatio est peccatorum.*

No cilício, com efeito, está a recordação dos pecados.

Obs.: Neste caso, a sintaxe do latim certamente optaria pelo uso da voz passiva *recordantur*, uma vez que a presença do particípio passado configuraria, no conceito clássico, a idéia de passado.

XVIII, 23, 1283: [...] *uelut in aquarum profunditate uiuus, hoc est sine peccato [...]*

[...] como que vivo na profundidade das águas, isto é, sem pecado [...]

Obs.: Com adjetivo, a redação ficaria assim: *uelut in aquis profundis*.

XX, 4, 1546: [...] *quidam notissimi Siciliae montes, qui tanta diuturnitate temporis atque uetustate usque nunc ac deinceps flammis aestuant [...]*

[...] alguns montes conhecidíssimos da Sicília, que estão ardendo sucessivamente em chamas durante tão longo e vetusto tempo até agora [...]

Obs.: Substituindo-se o substantivo pelo adjetivo, teríamos: *qui tam diuturno atque uetusto tempore*.

XXII, 14, 1671: *Quid ergo de infantibus dicturi sumus, nisi quia non in ea resurrecturi sunt corporis exiguitate, qua mortui?*

Que diríamos portanto das crianças, senão que ressuscitarão não naquele corpo exíguo em que morreram?

Obs.: A tradução portuguesa parece-nos soar melhor com adjetivo (“exíguo”), embora o latim de Agostinho opte por substantivo. A redação com adjetivo ficaria assim: *in eo corpore exiguo*.

Por essa série de exemplos, fica bem evidenciado — a nosso ver — o jogo estilístico que Santo Agostinho realiza em cima da substituição de adjetivo por substantivo abstrato seguido de substantivo no genitivo, com função de adjunto adnominal restritivo. Fica igualmente claro bastante que se trata de criação artística, intencional, com o intuito de atribuir mais colorido ao período.

É também com bastante freqüência que identificamos a propensão de Agostinho pelo uso constante de substantivos abstratos em geral, no lugar de nomes concretos. Isso torna a língua latina mais suave, capaz de exprimir as mais finas abstrações do pensamento. Dentre os escritores eclesiásticos, talvez tenha sido ele quem melhor e mais abundantemente soube servir-se de substantivos abstratos no lugar de concretos.

Embora entre os poetas arcaicos tal recurso seja de cunho familiar, junto aos escritores clássicos desvelamos o mesmo recurso em nível literário, mas com menor freqüência. Aqui as expressões podem sugerir ternura ou até insulto, conforme vemos em Cícero, que vergasta os homens perversos:

— *pestes hominum* (*Epistolae*, 5,8,2) = flagelo de homens, por “pessoas funestas”.

Mas em Cícero encontramos também o contrário, ou seja, uso de abstrato no lugar de concreto:

— *Ante Romam conditam* (*Tusc.* 1, 1, 3) = antes da fundação de Roma.

— *A puero* (*Brut.* 33, 125) = desde a infância, por *a pueritia*.

— *A pueris* (*Tusc.* 1, 24, 57) = desde a infância; por *a pueritia*.

E, igualmente, uso do concreto no lugar do abstrato:

— *A pueritia* (*Rep.* 1, 6, 10) = desde a infância, por *a puero*.

Esse recurso (abstrato no lugar do concreto) passa a ser mais explorado com Tito Lívio e com Tácito. Já os escritores do segundo século de nossa era fazem a consagração dele. Em Floro identificamos passagens como:

[...] *tota tremente Campania* (*Epistolae* I, 18, 24)

[...] tremendo toda a Campânia.

[...] *omnis Italia pacem habuit* (*Epistolae* I, 19, 1)

[...] toda a Itália teve paz.

Entre os escritores eclesiásticos, o emprego de substantivos abstratos em lugar de concretos vira prática constante a partir de Tertuliano, isto é, na segunda metade do segundo século de nossa era.

Analisando *A cidade de Deus*, descobrimos que Santo Agostinho tinha um carinho especial pelo emprego de substantivos abstratos em geral. Justifica-se esse procedimento pelo fato de nosso autor tratar de questões ligadas à filosofia, à teologia, à moral, enfim, a muitos assuntos intrinsecamente abstratos, transcendentais. No próprio título, *ciuitas* faz apelo a uma visão mística da realidade cristã. Esse fato o obrigava a lançar mão, naturalmente, desse tipo de vocabulário. Quando ele não estivesse à disposição, era preciso mesmo empres-

tar do grego ou criar novos termos. Com isso, grande foi certamente sua contribuição para tornar a língua latina mais suave, até mesmo mais apta para exprimir sutilíssimos pensamentos humanos.

Vejamos uma pequena amostra dessa prática agostiniana:

VI, 1, p. 408: [...] *hoc quiddam paruum et abiectum, quod non dignantur in tanta sublimitate curare.*

[...] este, algo pequeno e abjeto, do qual não se dignariam a cuidar em tão elevada posição.

VI, 1, p. 408: *Sed quantumlibet consideratione fragilitatis humanae caducos apices terreni regni merito quisque contemnat [...]*

Mas, por mais que alguém, com justa razão, despreze os caducos ápices do reino terreno em consideração ao homem frágil [...]

XVIII, 23, p. 1283: [...] *si primas litteras iungas erit ιχΘυζ, id est Piscis, in quo nomine mystice intelligitur Christus, eo quod in huius mortalitatis abyssu [...]*

[...] se se reunirem as primeiras letras, ficará ιχΘυζ, isto é, Peixe; nesse nome entende-se misticamente Cristo, porque neste abismo de morte [...]

XX, 17, p. 1485: *Quis uero audeat affirmare in huius mortalitatis aerumnis [...]*

Quem na verdade ousará afirmar que nas misérias desta vida mortal [...]

XX, 17, p. 1485: *Quandoquidem et corpora ad incorruptionem atque immortalitatem nouam ex uetere corruptione atque mortalitate transibunt.*

Pois também os corpos passarão da antiga vida corruptível e mortal para uma nova vida incorruptível e imortal.

Acreditamos serem suficientes os exemplos supra para mostrar essa faceta agostiniana sobre o emprego de substantivos abstratos no lugar de concretos. Mas não podemos deixar de mostrar outro lado do escritor: o do uso de locuções constituídas de um substantivo abstrato tomado em sentido concreto. Trata-se de uma construção que consiste em substituir um nome de pessoa por um substantivo abstrato seguido de um adjetivo possessivo. Já em Plauto,¹⁹ detectamos a expressão *mea festiuitas*, querendo significar “meu bem, meu amor”, locução encontrada também em Apuleio,²⁰ quando Lúcio se dirige a sua namorada, dizendo:

Quid istic, inquam, est, mea festiuitas, quum sim paratus [...]

Que é que há, dizes tu, minha querida, se estou preparado [...]

¹⁹ *Casina*, 135, v. 517.

²⁰ *Metamorphoseon*, 2, 9, p.42.

Ele poderia simplesmente tratá-la pelo nome. Mas é evidente que a intenção é a de transmitir muito maior calor e carinho.

Cícero, dirigindo-se ao irmão Quinto, diz o seguinte:²¹

Quod quoniam peccatum meum esse confiteor, est sapientiae atque humanitatis tuae curare et perficere ut hoc minus sapienter a me prouisum diligentia tua corrigatur [...]

Pois que confesso que esse é meu pecado, cabe a tua sabedoria e humanidade (= a ti) cuidar e conseguir que isto, que por mim foi previsto com menos sabedoria, seja corrigido por tua diligência (= por ti) [...]

E, mais adiante, trata o irmão de *tua liberalitas*²² = *tua liberalidade*, ou seja, *tu*:

Videtur potuisse tua liberalitas decipi.

Parece que tua liberalidade pôde ser enganada = Parece que tu pudeste ser enganado.

As formas cerimoniais de tratamento — como no caso de *maiestas tua*, que localizamos em Horácio²³ — serviram de exemplo à formulação de outras expressões pelos séculos afora. Assim ver-se-ia ele, dirigindo-se ao imperador:

[...] sed neque paruum

Carmen maiestas recipit tua, nec meus audet

Rem tentare pudor, quam uires ferre recusent.

Mas nem um pequeno poema recebe Vossa Majestade (=o Senhor), nem meu pudor ousa tentar o que as minhas forças talvez se recusem a levar.

Se, inicialmente, *maiestas tua* era tratamento atribuído somente ao imperador, a partir dessa expressão temos a criação de outras, para significar exatamente o oposto. Assim, paulatinamente, foram surgindo expressões de modéstia calcadas em locuções solenes.

Por modéstia, Veleio Patérculo²⁴ intitula-se *mediocritas nostra*, no lugar de simplesmente dizer *nos*, ou seja, a própria pessoa dele, já que era comum usar-se o plural pelo singular entre os escritores latinos.

Em Plínio, o Jovem,²⁵ descobrimos a expressão *tua pietas*, valendo para tratamento de grandes autoridades religiosas. A partir do século VI, *sanctitas tua* passa a freqüentar o cerimonial do tratamento a altas autoridades religiosas.

Pelo que tudo indica, o português nada mais fez do que praticamente copiar o latim nos pronomes de tratamento. É curioso encontrarmos na língua

²¹ *Ad quintum fratrem* I, 1, 1.

²² *Idem*, I, 1, 12.

²³ *Epist.* 2, 1, 258.

²⁴ *Hist.* 2, III, 3.

²⁵ *Epist.* 10, 1.

latina a gênese de expressões nossas como: “meu amorzinho”, “Vossa Majestade”, “Sua Santidade”, “Vossa Magnificência” etc., para indicar simplesmente “você, o imperador, o Papa, o reitor”... Assim, por respeito, quando se fala do Papa, diz-se *Sua Santidade*. Quando se invoca o Sumo Pontífice, o tratamento é *Vossa Santidade*. Idem com relação a tratamentos com outras autoridades, tais como: Vossa Alteza, Vossa Magnificência, Sua Majestade etc. Hoje em dia, no âmbito da Igreja Católica, as expressões Vossa Santidade e Sua Santidade são atribuições exclusivas ao Papa.

Santo Agostinho dá-nos sua contribuição com exemplos como:

XIX, 20, p. 1412: *quoniam non est uera sapientia quae intentionem suam in his, quae prudenter discernit [...]*

pois não é verdadeira sabedoria a que nestas coisas discerne sua intenção (= Deus) com prudência.

XXI, 16, p. 1581: [...] *per Mediatorem Dei et hominum hominem Iesum Christum, qui factus est particeps mortalitatis nostrae, ut nos participes faceret diuinitatis suae.*

[...] pelo Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que se fez participante de nosso estado mortal, para nos fazer participantes de seu estado divino.

Berger (1942, p. 93) faz uma advertência a respeito do uso dos substantivos concretos e abstratos, dizendo: “É preciso muita prudência no emprego de semelhantes construções; devemos nos assegurar, em todo caso, de que elas se encontram entre autores clássicos”.²⁶

E continua o mesmo autor (*ibidem*, p. 94): “Muitas vezes, o escritor tem a escolha entre o abstrato e o concreto. [...] Importa, portanto, perguntar sobre o bom uso para cada palavra”.²⁷

Como já dissemos, o cunho filosófico das obras de Santo Agostinho forçosamente o levou a apelar com frequência para palavras ou expressões abstratas, mesmo quando se tratasse de empregá-las como sujeito da oração. Esse caso é de uso bastante raro entre os autores clássicos, mas passou a ser de emprego cada vez mais frequente nos escritores que se lhe seguiram.

Em Cícero colhemos estes exemplos:

— *Laudanda est fides et humanitas tua, qui amicum etiam mortuum diligas* (Epistulae, 11, 27, 8).

Deve-se louvar tua fé e tua humanidade, porque talvez ames a um amigo ainda que morto.

²⁶ “Il faut beaucoup de prudence dans l’emploi de pareilles tournures; on doit s’assurer, en tout cas, qu’elles se trouvent chez des auteurs classiques”.

²⁷ “Souvent, l’écrivain a le choix entre l’abstrait et le concret. [...] Il importe donc de s’enquérir du bon usage pour chaque mot”.

Fides e humanitas são palavras abstratas que preenchem a função de sujeito da oração.

— *Omnis peregrinatio obscura et sordida est iis quorum industria Romae potest inlustris esse* (Epistulae, 2, 12, 2).

Toda peregrinação é obscura e sórdida para aqueles cuja atividade em Roma pode ser ilustre.

— *Exardescit benevolentiae magnitudo* (De Amicitia, 9, 29).

A grandeza da benevolência se inflama.

Magnitudo, que é palavra abstrata, representa o sujeito da frase.

[...] *sed, si offendet me loci celebritas* [...] (Ad Fam., XIV, 7).

[...] mas, se me choça a celebridade do lugar [...]

Em nosso autor, existe uma preferência toda especial por essa situação lingüística, como podemos ver nos casos que destacamos:

I, 1, p. 64: [...] *tota ferendi refrenabatur immanitas, et captiandi cupiditas frangebatur*.

Toda a fúria de ferir era contida, e a cupidez de cativar era quebrada.

Immanitas e *cupiditas* preenchem a função de sujeito da primeira e da segunda oração, respectivamente.

IX, 13, p. 604: *Tria igitur ab eo posita sunt deorum, id est, locus sublimis, aeternitas, beatitudo: et his contraria tria hominum, id est, locus infimus, mortalitas, miseria*.

Três coisas dos deuses, portanto, foram fixadas por ele, isto é, um lugar sublime, a eternidade, a felicidade; e, contrárias a essas, três coisas dos homens, isto é, um lugar ínfimo, a mortalidade, a miséria.

As palavras abstratas que ocupam a posição de sujeito são: *aeternitas*, *beatitudo*, *mortalitas* e *miseria*.

Mais exemplos podem ser vistos em: XI, 26, p. 760; XI, 28 p.765; XII, 6, p. 802; XII, 17, p. 825; XIII, 18, p. 889; XV, 20, p. 1048; XVI, 8, p. 1095; XVI, 16, p. 1114; XIX, 6, p. 1384; XXIII, 29, p. 1714.

Outra característica de Santo Agostinho, que o diferencia dos clássicos, é a que diz respeito ao uso de substantivo abstrato antecedido de preposição. Já os clássicos preferiam o emprego de verbos nesses ambientes. As preposições que mais aparecem são *ad* e *post*, seguidas de *in*, *sine* e de outras preposições. Conforme Hoppe²⁸ (1903, p. 140-42), consta que Tertuliano dava preferência, de um modo geral, à expressão nominal, linha portanto seguida mais tarde

²⁸ HOPPE, Heinrich. *Syntax und stil des tertullian*. Leipzig: Teubner, 1903.

também por Agostinho. A diferença está em que neste encontramos somente termos abstratos, como se pode deduzir dos exemplos que apresentamos:

VII, 30, p. 499: [...] *qui coniunctionem maris et feminae ad adiutorium propagandae prolis instituit.*

Aquele que instituiu a união do homem e da mulher para ajudar na propagação da prole.

IX, 15, p. 609: *His contrarius est Mediator bonus, qui aduersus eorum immortalitatem et miseriam [...]*

A esses é contrário o Mediador bom, que, contra a imortalidade e miséria deles [...]

XI, 30, p. 768: *Haec propter senarii numeri perfectionem, [...] narrantur.*

Essas coisas, porém, são narradas por causa da perfeição do número seis [...]

XV, 14, p. 1029: *neque de hac antiquorum longaeuitate dissentit.*

nem discorda dessa longevidade dos antigos.

XVIII, 3, p. 1250: *Huius temporibus etiam Isaac ex promissione Dei natus est.*

Sob o reinado deste também Isaac nasceu, conforme Deus prometera.

Na tradição da língua latina, o plural dos substantivos concretos era uma necessidade constante, fato que certamente fez com que também os abstratos passassem progressivamente a aparecer no plural. No início da literatura latina, isso não era usual. Explica-se tal surgimento em função da necessidade de introduzir distinções entre diferentes matérias, como ocorria com os substantivos concretos. Tomem-se os exemplos: *uina e unguenta*. Do mesmo modo, estabelecia-se a necessidade de pluralizar os abstratos tomados em sentido concreto.²⁹

Quanto ao uso do plural dos substantivos concretos, diz muito apropriadamente Berger³⁰ (1942, p. 204): “É ainda por preferência pela expressão concreta que o latim emprega freqüentemente a palavra concreta no plural de preferência à palavra abstrata no singular”. *Hinc sicae, hinc uenena, hinc falsa testamenta nascuntur* (*De Officiis* 3, 8, 36) = De um lado nascem assassinatos, de outro envenenamentos, de outro ainda falsos testamentos. *Totos se alii ad poetas, alii ad geometras, alii ad musicos contulerunt* (*De Oratore* 3, 15, 58) = Aplicaram-se, por inteiro, alguns à poesia, outros à geometria, outros ainda à música. É ainda dentro desse espírito que o mesmo Cícero, no lugar de dizer: “a

²⁹ Stolz-Schmalz, *Lateinische grammatik und stilistik*, p. 371.

³⁰ “C’est encore par préférence pour l’expression concrète que le latin emploie fréquemment le mot concret au pluriel plutôt que le mot abstrait au singulier.”

música floresceu na Grécia”, escreve: *Ergo in Graecia musici floruerunt* (*Tusc.* 1, 2, 4).

Quais as razões que teriam induzido os clássicos latinos a um uso progressivo e paulatinamente generalizado dos substantivos abstratos no plural?... Certamente porque eles precisavam de um meio de determinar as diferentes espécies de substantivos abstratos, como em: *amores, uitae, aetates*, para designar diferentes formas de amar, diferentes formas de viver, diferentes idades etc. Precisavam, igualmente, delimitar ações, estados de alma, sentimentos repetidos, como em: *curricula, uanitates, timores*; estabelecer relações com diversos substantivos concretos, como nos exemplos: *pulchritudines mulierum, successiones dierum*; muitas vezes, simplesmente para expressar paralelismo na frase: *summis opibus atque industriis* (com todas as forças e aplicação).

Partiu de Cícero a iniciativa de usar termos abstratos no plural em maior abundância dentro do gênero literário em prosa. Mas é preciso supor que, no gênero em verso, a necessidade do apelo aos substantivos abstratos se fez sentir com muito maior força. É neles que se apóia, por exemplo, Apuleio, para dar largas a sua fantasia criadora.

Já citamos de Cícero o exemplo: *Fontium gelidae perennitates*, em que *perennitates* tem a indumentária de um abstrato no plural. Também ilustra nossas considerações o exemplo: *Valete, mea desideria, ualete* (*Epistulae*, 14, 2, 4) = Passai bem, meus queridos, passai bem.

É Berger (1942, p. 218), ainda, quem faz notar a respeito dos abstratos: “No plural, as palavras abstratas substituem mais facilmente as concretas”. Assim: *Custodiae* (*Cat.* 4, 4, 8) = proteções, no lugar de *custodes* = guardas. *Seruitia* = serviços (*Verr.* 2, 5, 6, 14), freqüente em Tito Lívio, no lugar de *serui* = servos.³¹

Dissemos que o apelo ao paralelismo era muitas vezes fator decisivo na pluralização dos abstratos. Consideramos pertinente enfatizar, aqui, que o critério simétrico é um dado recorrente, em grande parte, na obra agostiniana em análise, no que tange ao uso no plural dos substantivos abstratos. Parece-nos marca registrada do autor também a apresentação de idéias em catadupas, como se essas jorrassem em borbotões incontroláveis. Para conseguir tal efeito, Agostinho vale-se do campo associativo, das famílias ideológicas de palavras, em que a identidade de sentido ou uma noção fundamental comum faz o leitor entender melhor a mensagem, a qual o autor consegue externar de forma exuberante e muito rica de sentido.

Vêm a calhar muito bem os excertos a seguir:

³¹ “Au pluriel, les mots abstraits se substituent plus facilement aux mots concrets. [...] fréquent dans Tite-Live [...]”

XIV, 3, p. 923: [...] *quae ad uoluptatem pertinent carnis, sicuti sunt fornicationes, immunditiae, luxuriae, ebrietates, comessiones [...] Quis enim seruitutem quae idolis exhibetur, ueneficia, inimicitias, contentiones, aemulationes, animositates, dissensiones, haereses, inuidias non potius intelligat animi uitia esse quam carnis?*

[...] aquelas que dizem respeito à volúpia da carne, como são as fornicções, as desonestidades, a luxúria, a embriaguez, as glutônicas [...] Quem pois não compreende que a servidão que se mostra aos ídolos, os feitiços, as inimizades, as discórdias, as rivalidades, as animosidades, as dissensões, as heresias, as invejas são mais vícios do espírito do que da carne?

Essa citação é tomada quase *in totum* de São Paulo, na *Epístola aos gálatas*. Pelo cotejo dessas passagens, asseguramo-nos de que a influência do Apóstolo sobre Santo Agostinho foi realmente marcante, chegando este a calcar trechos muito significativos.

Uma análise mais acurada de certos livros do *De ciuitate Dei* dá-nos uma certeza a respeito do cuidado e do labor literário desenvolvidos pelo bispo de Hipona na elaboração dessa obra. Já mencionamos seu apreço pelos recursos simétricos na linguagem. Identificamos nele um volume significativamente grande de substantivos no plural, sobretudo de substantivos abstratos. Nota-se que essas palavras não foram apostas ao acaso, como num amontoado de idéias. O que se percebe, sim, é uma ebulição de idéias na cabeça do autor, como se ela fosse um vulcão em erupção, ejetando lavas pelas páginas em branco.

Dentre as muitas terminações das palavras latinas, Santo Agostinho opta, segundo M. Bernhard (1927, p. 101-3), com muita insistência, pelo plural de substantivos abstratos terminados em *as*, *io* e *tudo*, uma das características de seu estilo, enquanto em Apuleio são mais freqüentes as formas verbais terminadas em *us*. Nesse campo, aquele chega mesmo a inovar, oferecendo-nos novos substantivos, normalmente baseados na analogia com palavras já existentes. Portanto, ele não se restringe à manipulação de um *corpus* lingüístico contraditório entre os pré-clássicos, ou entre os clássicos, ou então entre os pós-clássicos, com preferência para o que lhe seria mais natural: os escritores eclesiásticos.

Do que ficou dito, conclui-se por uma contribuição extremamente significativa de Agostinho para a vulgarização das idéias da prosa filosófica herdada da Grécia e injetada no mundo romano, dentro de um trabalho de exploração do processo de abstração na língua latina. Não parece ousadia asseverar que, nessa ótica, o latim atingiu um ponto culminante, vindo depois a desembocar nos romances, graças também ao espírito inovador desse escritor genial.

No seu espírito continuamente inovador, encontramos o Doutor da Graça (outro epíteto atribuído ao nosso santo) criando palavras novas para poder satisfazer a sua necessidade de exprimir idéias novas de uma forma nova, talvez

dentro daquele projeto do poeta Ovídio: *In noua fert animus mutatas dicere formas* ("Meu espírito me leva a cantar formas mudadas em novas coisas").

Não poderíamos nos furtar de apresentar seis exemplos do caso em questão extraídos de *A cidade de Deus* e confirmados pelo dicionário de Saraiva:

- *peremptio* (I, 9, p. 79) = morte violenta, assassinio
- *regeneratio* (I, 27, p. 114) = regeneração
- *monstrositas* (VII, 26, p. 491) = monstrosidade
- *praedestinatio* (XX, 15, p. 1482) = predestinação
- *exauditio* (XXI, 24, p. 1592) = ação de escutar
- *dilapsio* (XXII, 12, p. 1668) = dissolução, decomposição.

Em sua ânsia de se assenhorar de um vocabulário abstrato o mais rico possível, Agostinho apelou também para palavras abstratas empregadas somente pelos escritores pós-clássicos, especialmente pelos eclesiásticos, do que apresentamos um pequeno *corpus*:³²

- *abominatio* (I, 9, p. 76) = abominação (Tertuliano, Lactâncio)
- *profectus* (I, 9, p. 76) = progresso (Sêneca)
- *afflictio* (I, 9, 79) = aflição, opressão (Sêneca)
- *tribulatio* (I, 10, p. 82) = tribulação (Tertuliano, Jerônimo)
- *reformatio* (I, 12, p. 87) = reforma de costumes (Sêneca, Apuleio)
- *iuratio* (I, 15, p. 91) = juramento (Tertuliano, Macróbio)
- *commixtio* (I, 19, p. 99) = ação de misturar (Apuleio, Isidoro, Jerônimo, Arnóbio)
- *iussio* (I, 21, p. 104) = ordem, mandado (Arnóbio, Lactâncio)
- *numerositas* (I, 34, p. 125) = grande número, multidão (Macróbio, Tertuliano)
- *animositas* (VI, pref., p. 405) = animosidade (Macróbio, Arnóbio, Jerônimo)
- *scurrilitas* (VI, 1, p. 407; VI, 9, p. 430) = chocarrice, gracejo atrevido (Tácito)
- *attestatio* (VI, 4, p. 414) = atestação, testemunho (Macróbio, Jerônimo)
- *garrulitas* (VI, 7, p. 425) = loquacidade, improviso verboso (Quintiliano, Sêneca, Suetônio, Marcial)
- *sollemnitas* (VI, 9, p. 430) = solenidade (Ausônio, *Digestorum Libri*)
- *deitas* (VII, 1, p. 446) = divindade (Prudêncio)

³² Os autores citados entre parênteses constam no dicionário de Saraiva.

- *contextio* (VII, 2, p. 447) = composição (Agostinho, Macrônio)
- *fascinatio* (VII, 21, p. 481) = fascinação (Plínio, Aulo Gélcio)
- *hebetudo* (VII, 21, p. 481) = embotamento, estupidez (Isidoro, Macrônio, Agostinho, Jerônimo)
- *natiuitas* (XVIII, p. 1246) = natividade, nascimento (Ulpiano, Tertuliano)
- *iustificatio* (XX, 6, p. 1452) = justificação (Jerônimo, Salviano, Arnóbio)
- *incorruptio* (XX, 6, p. 1454) = incorruptibilidade, eternidade (Tertuliano, Jerônimo)
- *exspoliatio* (XX, 8, p. 1464) = despojamento (Jerônimo, Agostinho)
- *mundatio* (XX, 25, p. 1519) = purificação (Agostinho, Jerônimo)
- *conflictio* (XXI, 15, p. 1579) = embate de dois corpos; combate (Quintiliano)
- *renisus* (XXI, 16, p. 1579) = resistência (Celso, Agostinho)
- *quantitas* (XXI, 17, p. 1581) = quantidade (Vitrúvio, Quintiliano, Plínio, Apuleio)
- *fraternitas* (XXI, 27, p. 1614) = fraternidade (Quintiliano, Tácito, Tertuliano, Jerônimo)
- *opacitas* (XXII, 6, p. 1639) = opacidade, sombra (Columela, Plínio)
- *enormitas* (XXII, 6, p. 1639) = grandeza, enormidade (Quintiliano, Sêneca, Isidoro)
- *coruscatio* (XXII, 22, p. 1688) = brilho, esplendor (Arnóbio)
- *depraedatio* (XXII, 22, p. 1688) = pilhagem, rapina, depredação (Lactânio, Isidoro, *Codex iustinianus*).

Conclusão

Reforçando o que acima dissemos, podemos acrescentar que Santo Agostinho, sobre o eixo das palavras abstratas, de fato deu um impulso muito significativo para a evolução da língua latina, que acabou desembocando nas línguas neolatinas. Delimitando essa consideração, é inegável dizer que a nossa língua portuguesa foi enriquecida, e muito, pela ousadia de um autor que soube desbravar novas fronteiras lingüísticas com sua criatividade ubérrima. Ao que parece, ele invadiu todas as possibilidades que estavam ao seu alcance como prosador do final do século IV e início do século V. Percebe-se sua preferência pelas palavras terminadas em *io* e *tas*, preferência essa que fica realçada não só pelo alto índice de sua freqüência, mas também pelo fato de que ele se empenhou na criação de substantivos abstratos com essas terminações. Agostinho deu,

assim, um salto de qualidade na exploração de termos abstratos. Ao que Cícero encetara, cinco séculos antes, nosso autor deu seqüência com extrema maestria, elevando o trabalho ao seu apogeu.

Portanto, a vulgarização das idéias da prosa filosófica grega, à qual Cícero deu o embalo inicial, teve continuidade no mundo romano com Sêneca, depois com Apuleio, Tertuliano, Cipriano, Arnóbio e tanto outros, máxime na seara dos autores eclesiásticos, culminando com Santo Agostinho, seguramente o mais criativo dos escritores filósofos cristãos na língua de Cícero.

Historiadores, filósofos, políticos, homens da Igreja Católica, pensadores cristãos e leigos estão inteiramente de acordo em reconhecer Agostinho como um dos grandes gênios especulativos de todos os tempos, o maior teólogo do período patristico, o inspirador teórico da república christiana da Idade Média, enfim, uma das fontes mais fecundas do pensamento na cultura moderna. Tal fama não terá sido, seguramente, sem mérito. A pujança de sua linguagem e a sua criatividade corroboraram seu pensamento e sua linha filosófica, dando maior consistência à sua obra literária como um todo.

RESUMO

Este artigo pretende apresentar, numa visão global, a contribuição de Santo Agostinho para o enriquecimento e crescimento da língua e literatura latina quanto ao uso de substantivos abstratos na sua obra maior — *De ciuitate Dei* —, sempre em paralelo com escritores que o antecederam, máxime com Cícero. Parte-se do princípio lingüístico segundo o qual as línguas evoluem, acompanhando a evolução do homem. A abstração na linguagem acompanha as necessidades humanas; ela será tanto maior quanto mais abstrata for a matéria de que se trata. Procura-se comprovar que Santo Agostinho realmente adentrou no campo do uso de termos abstratos, em razão do cunho filosófico e moral de sua obra, o que significou um impulso na evolução do latim.

Palavras-chave: abstração, latim clássico, latim pós-clássico.

ABSTRACT

This paper intends to show, in a general view, Saint Augustine's contribution to the Latin language and literature enrichment and growing in his masterpiece — *De ciuitate Dei* — always in parallel with foregoing writers, first of all with Cícero. We follow the linguistic statement that says that languages change according to man's evolution. Language abstraction follows human necessities and it is bigger when the subject we are dealing with is even bigger. We try to prove that Saint Augustin largely

used abstract nouns, for the philosophical and moral background of his work. So, he really contributed to the progress of the Latin language.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Ernst. *Stylistique latine*. 4. éd. Paris : Librairie C. Klincksieck, 1942. Tradução de Max Bonnet e Ferdinand Gache.
- BERNHARD, Max. *Der Stil des Apuleius von Madaura*. Stuttgart : Kohlhammer, 1927.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- HOPPE, Heinrich. *Syntax und Stil des Tertullian*. Leipzig: Teubner, 1903.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. 2. éd. Paris: Société d'Édition "Les Belles-Lettres", 1946.
- MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris : H. Champion, 1928.
- NUNN, H. P. V. *An introduction to ecclesiastical latin*. Eton: Alden & Blackwell Ltd., 1952.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro - Paris: Garnier Livreiro Editor. [s/d.].
- STOLZ-SCHMALZ. *Lateinische Grammatik und Stilistik*. München: Beck, 1928.